

Sociabilidades e hedonismo nas festas do tipo rave em Fortaleza - Ceará¹

Jaína Linhares Alcantara – PPGAS – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Abordo a problemática do *uso recreativo de substâncias psicoativas*² em áreas urbanas, utilizando como contexto de pesquisa festas do tipo rave na cidade de Fortaleza - Ceará. Ao contornar e enfrentar criticamente o discurso da “guerra anti-drogas” presente nas mídias, procuro colocar em foco as relações entre usuários e não-usuários, atravessadas por relações de poder, estigmas e manipulações de informações e saberes. Busco entender as representações formuladas por estas pessoas sobre *corpo, saúde e prazer*, pensando o *hedonismo* como uma forte característica das práticas e concepções do individualismo ocidental moderno, mas com efeitos diferenciados em cada contexto e local. Através de relatos e interações mais próximas das pessoas que utilizam substâncias psicoativas com fins de diversão, tento perceber como se dão os aprendizados, os usos e o trânsito das substâncias. Pretendo compreender e discutir motivações de usuários/as a fim de alcançar certos efeitos biopsicossociais. Tratam-se de práticas e aprendizados repassados entre pares, técnicas transmitidas através de gestos e de marcas nos corpos. O acesso às categorias e significados que circulam entre ‘ravers’, dj’s, vj’s ajudará a compreender aspectos de identidade e ethos social de uma parcela jovem de camadas média e alta da cidade. Ouvir, dançar, “curtir”, sentir música eletrônica embalados por álcool, ecstasy, LSD, tabaco em seus diferentes propósitos de usos individuais/coletivos seria, então, uma maneira de socialização?

Palavras-Chave: sociabilidade – juventude – psicoativos

Introdução

“para onde o gesto foi a cabeça foi mais além”

Chico César

Esse informe constitui parte da pesquisa para a dissertação de mestrado que está sendo elaborada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pretendo observar e concentrar atenção sobre os cuidados com o corpo e as práticas de saúde em suas interfaces com a problemática cultural do hedonismo em seus contextos ocidentais modernos. Como metodologia que valida os saberes da Antropologia Social e que se afina de modo mais conveniente aos objetivos e contextos dessa pesquisa, utilizo a investigação etnográfica através do método da observação participante,

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Uso o termo genérico da farmacologia “psicoativo” que designa de forma abrangente substâncias que produzem alteração do estado psíquico e mental, (MacRae e Simões, 2000) e sobre o comportamento. Além de ser um termo menos carregado de preconceitos como o são: droga, tóxico, narcótico, entorpecente, etc. Aponto assim, para a preocupação com a adoção de categorias e termos. Acredito que nos textos que produzimos o uso de determinadas palavras geram efeitos, portanto reificar e veicular-las enquanto categorias operantes de nossos discursos direcionam a leitura e as considerações a cerca destas.

além do uso de técnicas de entrevista de longa duração, textualização e registro por meio de cadernos e diários de campo e, quando possível, registro fotográfico. Estou fazendo pesquisa também na imprensa escrita, especialmente matérias e dados direcionados à saúde e ao comportamento social durante os anos de 2006-2008. Selecionei os dois jornais de maior circulação em Fortaleza: O Povo e Diário do Nordeste. A apreensão desses conjuntos de dados auxiliará na análise de informações oficiais, de dados veiculados por meio de comunicação impressa e dos discursos coletados entre as pessoas que utilizam substâncias psicoativas ou que estão em interface com estas.

Situo meu trabalho no bojo das pesquisas antropológicas em contextos e lugares urbanos, mais próximos e familiares dos meus próprios universos de socialização e conhecimento (VELHO, 2003) - centros urbanos, bairros, hospitais, universidades, festas e culturas jovens, bares e lugares de lazer. Assim, o que interessa a ser analisado antropológicamente nessas relações sociais acaba por apurar-se nas relações que de certa forma se organizam mais frouxamente. Tendo que observar como se organizam socialmente as pessoas, as famílias, os grupos, as situações gregárias nesses centros urbanos. Diferenciando-se em parte dos estudos realizados nos ditos campos mais longínquos, tradicionalmente associados a exotismos diversos ou, simplesmente, à distância geográfica: outros continentes, ilhas, tribos, etc.

As metodologias e as ferramentas etnográficas tiveram que mudar ou atualizar-se para conseguir tais informações, para dar conta de novos expedientes e situações sociais. Além disso, a inserção de uma mulher na busca de informações que de alguma forma podem ser mais restritas, devido aos riscos e ilegalidades envolvidas socialmente, merece um tipo de atuação mais cuidadosa, branda e sensível, mas também com coragem e decisões rápidas.

Não afirmo que essas atitudes estejam ausentes em pesquisas ditas tradicionais, e sim realço que no contexto em que se estabeleceram as pesquisas urbanas, movimentos no meio acadêmico e políticos nos quais as posições de gênero podem e devem ser destacadas no texto e contextos sociais se tomam evidência.

O fato que pretendo ressaltar com essa discussão é a relativa valorização recentemente dada pela antropologia às pesquisas urbanas, às buscas por metodologias que acessem informações imersas e contornando a formação e a socialização de quem faz a pesquisa, relativizando um tanto com a objetividade pura da ciência positivista.

As relações a serem investigadas no contexto urbano se dão ao nível de diversas modalidades de associação ou conflito. Combino o que Georg Simmel (1983) apresenta como característica das formas de sociação com o que Michel Foucault (1979) define enquanto funcionamento do poder:

“O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas o indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.” (Foucault, 1979:183).

Nesse estudo, adoto como caminho a abordagem próxima ao que vem sendo chamado de etnografia multi-situada (HANNERZ, 2003; MARCUS, 1986). Considero e valorizo o que pode ser pensado como o toque das arestas a interligar diferentes sítios e contextos, que possibilitam a apreensão de uma diversidade de dados cujas problemáticas enfocam e envolvem bases, às vezes, muito distintas ou que apresentam continuidades e descontinuidades, presenças e ausências, comportamentos recomendados e leis descumpridas.

Assim, perde o sentido as essencializações e substancializações contrastantes do tipo: os que usam substâncias psicoativas e os outros que proíbem ou os que cuidam da saúde e os outros que não se importam com a saúde. São todas interfaces que se apresentam através das iniciativas e ações de pessoas que podem expressar em alguns momentos aparentes contradições. Deve-se chegar ao entendimento de que ações não previstas compõem a realidade das pessoas que se encontram em face de determinadas situações de risco, de prazer, de medo, por exemplo. Isso é fator de extrema importância no sentido de esclarecer alguns comportamentos considerados, de outra forma, como desviantes.

Deve-se comentar que os canais de difusão de informações tornaram-se mais acessíveis e a própria troca de informações mais intensa nesse último século. Assim, muitas tomadas de decisão e posição são influenciadas por processos globais. Os organismos e agências transnacionais fazem com que condutas e sanções difundam-se e ganhem adesões. A própria movimentação das pessoas faz com que aprendizados sejam disseminados e re-apropriados. Busco compreender discursos que, contextualmente, estão situados em campos diferentes, mas que de diversas formas podem se entrecruzar e relacionar, algumas vezes de modo tenso, em outros em continuidade com o que é aprendido no cotidiano. Portanto, utilizo diversos contextos e ‘campos’ como *locus* de pesquisa. Faço etnografia desses ‘campos’ no propósito de cartografar locais onde os usos de substâncias psicoativas estão ligados à recreação e ao lazer. Primo por situar práticas e saberes particularizados, mas acredito que eles podem estar imersos e inseridos numa gama de saberes globalizados e que, em cada contexto, eles aparecem com disposições distintas variando pelas ancoragens dadas pelos usuários. Os campos aos quais me refiro são as festas ‘rave’, boates na Praia de Iracema, um estúdio de tatuagens e piercing e uma casa particular onde se consome diversas substâncias

psicoativas e, sobretudo, produz-se e usa-se morfina elaborada a partir de um medicamento vendido em farmácias³.

Espero relacionar diferentes discursos ao que é imediatamente percebido como gerador de sociabilidade⁴, acessar informações e entender a construção de *habitus* (BOURDIEU: 1987) referentes a uma determinada parcela jovem de Fortaleza sobre os aspectos relativos ao uso dos corpos, do tempo de lazer e das técnicas e cuidados com a saúde faz dessa pesquisa uma tentativa de situar os conceitos de saúde no contexto urbano levando em conta o prazer a ser desfrutado por quem vivencia tais práticas⁵:

“O indivíduo é pressionado, de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, e de modo algum ele saberia decidir com segurança interna entre suas diversas possibilidades de comportamentos – que dirá com certeza objetiva. Os grupos sociais, em contrapartida, mesmo que mudassem com frequência suas orientações de ação, estariam convencidos, a cada instante e sem hesitações, de uma determinada orientação, progredindo assim continuamente; [...]. Entre o querer e o fazer, os meios e os fins de uma universalidade, há uma discrepância menor do que entre os indivíduos. Nesses termos os indivíduos se mostram ‘livres’, enquanto as ações de massa seriam determinadas por uma ‘lei natural’. [...] À proposição que o indivíduo, em seus propósitos mais primitivos, não apresenta hesitação nem se equivoca, podemos pensar que a mesma medida vale para o grupo social. O asseguramento da existência, a aquisição de novas propriedades, o desejo de afirmar e expandir a própria esfera de poder, a defesa das posses conquistadas – estes são impulsos fundamentais para os indivíduos, impulsos a partir dos quais ele pode se associar de modo conveniente a muitos outros indivíduos, a seu gosto” (SIMMEL, 2006: 40-41)

Verificar aprendizados, saberes e representações mediadas pelo uso comum de determinadas substâncias semi-sintéticas, sintéticas e manipuladas pode ajudar a refletir sobre comportamentos e estilos de vida da juventude situada em camadas médias e altas de Fortaleza. Implicando em questões relativas aos cuidados com o corpo e a satisfação de prazeres (individual e coletivo) entre quem, em algum momento de suas vidas, compartilha momentos e experiências.

Um exemplo que pode ilustrar esse fato foi o que aconteceu no bar Cume que é administrado pelas pessoas que situo na pesquisa com característica principal do uso de morfina e cocaína injetável.

Estava a fazer etnografia do local, lá encontrei um colega que me havia dado uma entrevista sobre suas experiências nas festas de estilo rave e ele logo me apontou o rapaz com quem foi parar numa festa rave no casarão da Prainha⁶. Essa é a uma das histórias que me contou. Ocorreu numa noite em que estava acontecendo a bienal de dança de Fortaleza em 2007. Viu com alguns amigos uma apresentação num teatro da Praia de Iracema, depois ele e

³ Além de pesquisar os jornais e órgãos como DENARC (Departamento de Investigações sobre Narcóticos) e a Secretaria de Saúde do Município.

⁴ SIMMEL, Georg, 2006.

⁵ FOUCAULT, Michel, 2007.

⁶ Um casarão numa cidade vizinha a Fortaleza (Aquiraz) onde acontecem festas rave desde o fim dos anos 90.

um amigo entraram para uma boate na parte de comércio e entretenimento no entorno do Centro Cultural Dragão do Mar (praia de Iracema), dançaram e beberam até amanhecer. Durante a noite se encontraram com um rapaz (esse que estava no bar Cume) que os perguntou, já ao fim da festa da boate, se eles queriam ir a uma festa rave com ele, ofereceu e dividiu meio selo de um ácido (LSD) para os dois. Disse que já havia tomado parte dele. Saíram da boate atrás de um jeito de chegarem à festa rave, encontraram um outro amigo que estava de carro. O mesmo rapaz ofereceu ¼ de ácido para o ‘motorista’ em troca da carona e companhia para a festa. Chegaram a tempo de ver uma das principais atrações, projeto Yagé⁷. Esse é um exemplo do convívio comum e de práticas sociais parecidas que se espalham pela cidade e convergem em alguns momentos.

Portanto, realizo pesquisa entre jovens que vivem em Fortaleza, buscando compreender comportamentos, práticas e saberes perpassados pelo uso comum de algumas substâncias psicoativas. Aí está o que move mais um de meus interesses: as frouxas linhas que circundam os sujeitos dessa pesquisa, como defini-los e enquadrá-los em um ‘local’, se circulam por vários outros níveis de ação? Se “viajam” e trazem em suas bagagens de vida experiências e informações acessadas em outros locais?

Para traçar um quadro mais amplo

Os sistemas do conhecimento e da ação são fundamentais para gerir as formas que o poder está sendo negociado, redimensionado e praticado local e globalmente. Tentar perceber conflitos implícitos e explícitos em contatos com interlocutores é uma forma bem interessante de ver a ‘capilaridade’ das relações de poder. Descrever os locais e o que lá acontece, o que se engendra do social no individual implica em aproximações, e talvez encontrar o que pode parecer dissociação em uma forma de sociação. (SIMMEL: 1968):

“Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas essas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos por essa forma de existência” (SIMMEL, 1983: 168)

Um trecho da entrevista feita com Sininho e Estilingue mostra algo de similar a vários relatos sobre a iniciação com substâncias psicoativas. Em sua fala o uso de substâncias ilícitas

⁷ Três pessoas compõem esse projeto de música eletrônica tendente ao psy trance. Utilizam instrumentos e pick ups em seus *sets* de apresentação.

como maconha, cocaína e ácido vêm depois do uso de álcool ou do tabaco, de certa forma essa declaração é uma constatação entre os interlocutores:

“eu vejo a vantagem, assim...mais na quantidade de informação que você recebe, né! Hoje em dia num tem como ser diferente não. Ou é televisão, ou é rádio, ou outra mídia... **Alguém** recebeu a informação de que aquilo...hummm, é legal! Dá uma provada aí pra tu vê, que viagem que é?! Aí tu começa o uso daquele meio ali... Pra ver qual é.[...] e na verdade é uma onda, né. Uma onda de um dia inteiro. Mas é mais isso mesmo, alguém traz, alguém pega...sempre tem que ter alguém próximo” (Estiligue, abril 2008)

Vejamos, então, por onde seguem as indagações dessa pesquisa. Que méritos entram em questão quando as notícias que se impõem nas mídias sobre juventude e diversão se cruzam com o desvio e divergências de leis? E as campanhas educativas com recomendações sobre saúde? E os ‘coletivos’ que se organizam informalmente em torno de alguns interesses, como se retro-alimentam? Pelo convívio? Pela troca de novas informações?

Tomando como “problemático” o uso de substâncias ditas ilícitas seja quais forem as condições do consumo: o que se classifica enquanto problema – saúde ou comportamento? O recorte dado nas mídias toma por base pessoas que estão em situação social liminar: pobres, jovens, desviantes, dependentes, etc.

O uso de substância psicoativas visto como um ‘problema’ a ser resolvido pelo estado que já tinha um aporte de justiça bem vinculado a marginalização do uso e da venda vem sendo amparado e encaminhado desde o fim do século XIX para os cuidados com o corpo, com a saúde, mediante tratamento médico.

O surgimento da OMS logo depois da Segunda Guerra Mundial, meio pelo qual se estabelecem mundialmente parâmetros para definir drogas e males causados por elas são mecanismos que refletem poderes globais que geram efeitos locais.

A cidade de Fortaleza recebeu no ano de 2005 seis CAPS – AD (Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas). Composto por uma equipe ‘multidisciplinar’ (psiquiatria, enfermagem, psicologia, assistência social, terapia ocupacional). Têm como objetivo não apenas tratar problemas físicos decorrentes do uso de substâncias psicoativas, com termos médicos de “abstinência” ou “dependência”, mas servem também para encaminhamentos feitos pelos juizes para pessoas penalizadas por portarem pequenas quantidades de substâncias psicoativas ilícitas, julgadas pelos policiais e juizes para seu próprio uso (usuários), mas que necessitam de encaminhamentos para “re-socialização”.

Numa cidade onde o número de estabelecimentos de saúde particulares é de 436 e os públicos contam 107⁸ superando assim em 329 os locais de tratamento públicos, pode-se

⁸ Dados consultados no site www.ibge.gov.br. Acessível em 20 de abril de 2008.

indagar, ao menos, a quem está servindo o tipo de política pública que se efetiva para justiça e para a saúde nesse país, com a lei 11.343 de agosto de 2006?

Locais compostos: pessoas e informações.

Como falar sobre juventude, música, estilo de vida e uso de psicoativos no contexto de uma grande cidade como Fortaleza⁹? Essa é a pergunta que faço ao tentar situar fronteiras e diversas práticas vivenciadas pelas pessoas que buscam se divertir embaladas pela música, acompanhadas de amigos em locais classificados como agradáveis e onde há certa liberdade para se fazer uso de substâncias psicoativas ditas ilícitas.

Como o Ceará é bastante conhecido pelo forró e suas manifestações, poderia ser uma escolha viável tomar essa chave de entrada para tentar perceber essas práticas sociais. Mas, o que se noticia sobre a juventude em forrós? A quem interessa saber da quantidade de álcool e outras substâncias que são consumidas naqueles parques ou sítios? Muito pouco se lê em jornais locais sobre o assunto. Há um público significativo que frequenta outros locais onde se ouve pagode, samba, choro, hip-hop, MPB, etc. e deve haver diferentes tipos de consumos de substâncias psicoativas também. Há de se fazer, portanto, um recorte.

Minha escolha se deu, em parte, pela atual situação “liminar” em que as festas de estilo rave se encontram nas mídias cearenses e no senso comum de modo geral. Várias matérias jornalísticas deram atenção às raves nos últimos tempos. Em 2007, voltou a ganhar destaque nacional as festas rave e o consumo de substâncias sintéticas:

“As chamadas festas “rave” nada mais são do que pontos de aliciamento de jovens para o uso de drogas. Muitos ali começam a penetrar na porta de entrada do perigoso e quase sem retorno caminho das drogas. É o falso mundo colorido que destrói os mais jovens e seus familiares”. (O Globo, 30.10.2007)¹⁰

Da mesma forma, houve uma série de matérias no mês de janeiro de 2008, veiculadas no jornal Diário do Nordeste chamada “DROGAS – DA BALADA AO VÍCIO” (Diário do Nordeste, 21-26 de janeiro de 2008). Uma das manchetes: “Mistura perigosa – Comprimidos para dançar” sendo a primeira matéria dessa série, referindo-se as substâncias como: medicamentos, ecstasy e álcool consumidas em festas e boates onde toca música eletrônica.

“São as chamadas drogas das baladas. Alguns recorrem a medicamentos – um comprimido para emagrecer ou para dormir pegos da cabeceira da cama dos pais – misturados a bebidas alcoólicas. O ecstasy é o mais novo ingrediente das raves e festas thecnos do mundo afora, porque o efeito é de até seis horas. Aos poucos, de forma tímida, está chegando ao Ceará. Conhecida como a droga das

⁹ População: 2.431.415. Dados de IBGE – 2007. Acessível no site: www.ibge.gov.br em 20 de abril de 2008.

¹⁰ Ver O Globo: “As festas ‘rave’ e o aliciamento às drogas” (30/10/2007).

pistas, o ecstasy é ingerido sob forma de comprimidos, chamados de balas.” (Diário do Nordeste, 21.01.2008)

Isso pode estar engendrando uma espécie de pânico moral, tal qual comentado por Stanley Cohen (1972) e Kenneth Tompson (1998) quando afirmam ser veiculadas através das mídias de massa idéias que podem causar não só desacordos entre práticas e recomendações moralmente aceitas. Alertando para aspectos que podem ser relevantes em estudos que colocam em interface o cotidiano e a mídia:

“moral panic studies and also attempt to reintroduce some of the initial broader relevance of this field by treating moral panic not simply as separate episodes but in relation to systems of representation and regulation, and as possible symptoms of wider social and cultural tensions”. (TOMPSON: IX, 1998)

Acreditando encontrar informações interessantes o suficiente para responder algumas perguntas sobre sociabilidade e hedonismo na concepção ocidental moderna, voltei-me, a princípio, para uma rede de pessoas que freqüentam ou freqüentaram festas de estilo rave e/ou que se identificam com o uso de substâncias sintéticas muito difundidas nesse meio.

Para identificar a parcela da juventude da cidade que estou falando é preciso descrever o perfil desses interlocutores que transitam em seu tempo de lazer entre festas, bares, viagens, passeios, etc. Não posso generalizar como o perfil da maioria, e sim das pessoas com as quais pude estabelecer contatos até agora. São jovens entre 22 e 35 anos, vindos ou situados em camadas médias e altas que estudam ou estudaram em cursos superiores e se inserem num mercado de trabalho formal e/ou informal¹¹. Poucos moram com pais. Alguns vivem sós e outros com seus companheiros/as e filhos. O que os liga de alguma forma é um estilo de vida e o meio social no qual se inserem. Nem todos se conhecem, mas transitam em espaços parecidos com freqüência diferenciada.

Fiz etnografia de três festas de música eletrônica em Fortaleza nos meses de janeiro e fevereiro de 2008. 1) New Rave; 2) Kaballah e 3) Burn in House. Cada uma dessas festas teve características bem peculiares.

Deter-me-ei a “New Rave”, por enquanto. Festa anunciada dois dias antes pelo jornal diário do Nordeste, no Caderno 3 (destinado a cultura e entretenimento). A festa aconteceu num clube no centro da cidade ao lado da Praça do Ferreira. O público era em sua grande maioria estudantes, intelectuais e profissionais liberais. Creio que grande parte das pessoas tinha o intuito de ver o show do Montage¹², era o principal anúncio da festa, contando com a

¹¹ Nesse caso *informal* se refere aos trabalhos temporários que alguns desenvolvem, ou também trabalhos que não tem um vínculo empregatício fixo: “free lancer”.

¹² Montage é o nome de uma ‘banda’ formada por Daniel Peixoto (vocalista) e Leco Jucá (groovebox). Fazem músicas no estilo eletro, punk, e rock e performances bastante irreverentes.

presença de Dj's trazidos de outros estados. Em uma entrevista cedida a um site¹³ Daniel afirma que:

"Quando começamos com os shows, essa coisa da performance não estava formada"[...]Isso veio muito mais das pessoas observarem do que de qualquer planejamento que tínhamos. Com o tempo percebemos que era uma forma de expressão tão forte quanto a música. E passei a me preocupar com o visual, não só no palco, mas nos vídeos, nas fotos." (SOMA – Coletivo de Música Independente de Fortaleza)

Cheguei por volta das 22h. Já havia movimentação em frente à entrada do clube. Cumprimentei alguns conhecidos e fiquei sentada numa calçada ao lado da porta de entrada. Chegou um amigo e me convida para acompanhá-lo na compra de uma cerveja. Isso implicava sair da frente do clube e procurar o vendedor que estava na praça com seu isopor. Na volta, conversas sobre música, filmes e programas de televisão eram temáticas que acompanhavam parte das pessoas das quais pude ficar próxima e ouvir as conversas. Também na fila por onde fiquei outro assunto falado era o lançamento do CD do Montage e da 'molecagem' com o nome da festa. A fila começou a se formar por volta das 23h.

O ingresso era comprado na portaria e custava R\$10. Não houve revista, nem no corpo nem nas bolsas. Havia um segurança em baixo e dois lances de escada mais acima (onde estavam os salões de festa) tinham mais dois

As pessoas que estavam na festa tinham o perfil de classe média e alta, muitas delas estudam ou estudaram em universidades públicas e várias estudaram no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará ou da Universidade Federal do Ceará. As substâncias que mais apareciam sendo usadas eram cerveja e cigarros. Soube por um amigo que havia algumas pessoas consumindo cocaína no banheiro masculino e vi alguns baseados serem acesos no maior salão.

Tentando mostrar a heterogeneidade das pessoas que lá estavam perguntei a uma amiga, que diz não usar substâncias ilícitas¹⁴, o que a levava estar na festa? Ela responde: "súbita solteirice e gostar de prédios antigos". Fernanda sabe que minha pesquisa lida com um assunto um tanto delicado. Quando pergunto qual o nome que devo usar para me referir as suas falas no texto, diz que posso usar o seu nome verdadeiro.

O bairro que situa os Centros de Humanidades, a Praia de Iracema, a Praia do Futuro, e alguns bares que ficam numa área nobre da cidade são os locais mais transitados por parte dessas pessoas. Casas de praia ou as serras próximas de Fortaleza são outros locais onde

¹³ http://groups.google.com.br/group/somafortaleza/browse_thread/thread/ea4a6ab6e0dbae6b

¹⁴ Inclusive, já presenciei ela falar que não fuma maconha para não gastar a dos outros porque nela não causa efeitos algum.

muitas vezes relatam viajar para passar fins de semana ou feriados. Há entre estes a valorização da música, viagens, em especial de longa duração ou que se realizem para locais distantes, fotografias, experiências com uso de substâncias psicoativas, etc. Esses são motivos para encontros de turmas onde se providencia refeições ou lanches, bebidas e contam-se histórias, mostram-se instrumentos musicais trazidos de outros lugares ou adereços e *souvenirs*.

A discussão apresentada por Simmel sobre a forma dos indivíduos se agruparem é o mais próximo a chegar de uma situação de pesquisa ideal, enquanto o real se mostra de maneira multifacetada. Essas pessoas que estou pesquisando não estão apenas nas barracas de praia, nas mansões ou casarões, clubes, boates e bares da cidade se “drogando” - desempenham outros papéis sociais embutidos em suas atuações. O que fazem na maior parte de seu tempo, quando não estão a serviço do lazer? Estudam, trabalham, tocam músicas e instrumentos. São pais e mães, irmãos e irmãs, filhos e filhas, enfim, representam-se de maneira diferenciada em cada plano. E aprendem a se comportar de diferentes modos variando com as situações a que se expõem com o passar do tempo.

Uma jovem, interlocutora de pesquisa, Sininho relatou, em uma de nossas conversas, que além de fazer uma pausa no uso de ‘drogas’ durante a gestação e amamentação do primeiro filho. Antes, ela fumava maconha diariamente e tomava bebidas alcoólicas com frequência, além de ocasionalmente usar cocaína e LSD. Agora, depois de parar de amamentar, está fumando muito menos por sentir que quando fuma ela fica mais lenta, com menos disposição e que agora precisa dedicar mais tempo aos estudos, ao trabalho e aos cuidados da família. Essa afirmação atualiza o que Howard Becker (1977) explicou ao dizer que os aprendizados do uso de substâncias se dão tanto no grupo de pessoas que estão em contato constante, mas também nas situações reais em que as pessoas estão envolvidas, quem utiliza determinadas substâncias adaptando-se às suas necessidades de ação.

Gostaria de retomar o que expus na parte de aproximação da pesquisadora com um dos interlocutores, sobre o “controle de informações”. Uma outra forma de entendimento da atuação das pessoas é a negociação da identidade. Goffman (1988) descreve como o “controle de informações” seria a maneira pela qual a pessoa se expõe em parte ou reserva informações sob controle de determinados grupos. Apresenta através de códigos, gestos ou marcas, os vestígios de suas biografias para os ‘entendidos’, tentando gerir, administrar tais sinais diante de outros que podem trata-los como estigmatizantes.



mão de Dourade

Como a fotografia mostra, as pontas dos dedos amarelados são vestígios de um tipo de prática que deixa marcas visíveis. Além de revelar a técnica comum de como se segura o cigarro de maconha (com os dedos polegar e indicador), também mostra que o controle de informações desse interlocutor está comprometido, principalmente para os ‘informados’, pois quem conhece o modo usual de fumar maconha logo interpreta que marcas são estas.

Relacionar esse conceito ao do “uso de máscaras sociais” que acompanha a interação entre os interlocutores/as, seus pares e a pesquisadora é um exercício interessante para perceber até onde há possibilidade do “encobrimento” de informações. Ou como essas informações são utilizadas para negociar os interesses de cada parte em interação. À medida que se aproximam, duas ou mais pessoas que dominam certos códigos e que compartilham do gosto pela prática, há uma possibilidade de haver associação e empatia sobre conhecimentos, valores e usos práticos do corpo e de substâncias.

A festa Kaballah aconteceu numa barraca da Praia do Futuro. Fui acompanhada de uma amiga que não mora aqui em Fortaleza, mas que frequenta festas estilo rave em Tocantins e Goiás. Achei interessante a sua companhia tanto por não ir sozinha a festa como por ser alguém ‘entendida’ do meio rave e poder pegar algumas impressões dela o que poderia me dar alguns aportes para futuras observações. No *flyer* da festa, que recebi na Praia de Iracema próximo ao Centro Cultural Dragão do Mar, vinham as informações que esta era a primeira vez que a festa “Kaballah” viria ao Nordeste. Antes passamos num supermercado para comprarmos energéticos e chicletes para ajudar a ficarmos despertas.

Passamos um tempo fora, em frente às barracas de bebidas e comidas que ficavam em frente a barraca de praia observando a chegada das pessoas e tomando os energéticos para em seguida entrarmos. Dando uma volta pelo local encontrei um rapaz conhecido meu, ele vive entre Fortaleza, Canoa Quebrada, Jeriquaquare e faz alguns trabalhos manuais com pinturas de painéis e camisas, além de ocasionalmente vender cocaína, ecstasy e ácido.

Cumprimentamo-nos, ele disse que estava esperando uma boa festa e saiu. Em seguida nos dirigimos para a entrada.

Na entrada da barraca, antes da roleta, havia um tablado coberto por palha de coqueiro e uns corrimãos de madeira onde algumas pessoas estavam encostadas conversando. Os organizadores da festa estavam inquietos passando por esse local que ficava ao lado da bilheteria. Após a roleta ficava um grupo de funcionários da festa, alguns recolhendo os ingressos e quatro seguranças, três homens e uma mulher, fomos revistadas por ela bolsas e no corpo também. Observei que todos estavam com pirulitos na boca. Poderia ser algum ‘código’ que, segundo minha amiga, se refere à venda de LSD e ecstasy. Já numa conversa anterior com alguns interlocutores, disseram que grande parte dos psicóticos que são vendidos nas festas transita nas mãos dos organizadores e seguranças.

O primeiro espaço era o ‘chill out’, uma continuação da ornamentação da portaria. Coberta com palha e enfeitada com adereços ‘fluor’, algumas almofadas espalhadas pelo salão, um pequeno palco do lado direito onde estavam os dj’s e suas pick ups. Em frente ficava uma cantina com venda de sanduíches, sucos, guaraná, refrigerantes e água.

Seguindo do lado desse palco estavam um grupo de 3 ou 4 pessoas próximos à uma cama de massagem. Duas pessoas estavam de branco (um rapaz e uma moça), imaginei serem massagistas.

Ao lado desse espaço de massagens ficava o bar, bem movimentado desde o começo da noite. Toda essa parte tinha piso de cimento e/ou lajotões. Olhando para direita desse local havia uma parte externa, sem cobertura, onde ficavam os banheiros e uma escada ao lado levava para uma parte em cima, parecia uma espécie de camarote. Logo em seguida em direção ao mar, o piso era apenas de areia da praia. Do lado direito, ficava o palco dos dj’s e ‘performances’. Esse espaço estava todo cercado com chapas de madeira e em alguns cantos ficavam seguranças intercalados por barracas que vendia bebidas. Próximo a uma dessas barracas encontrei o dj que abriu o ‘line up’, conhecido meu, e uma outra amiga, que é malabarista e que falou estar ali fazendo esse trabalho para animar a festa. Ela fora contratada de última hora.

Ao contrário do “controle de informações” (GOFFMAN: 1988) de determinadas características que se pretendem tornar sigilosas, alguns sinais diacríticos aparentes e algumas vezes exaltados entre jovens que freqüentam festas rave como uso de determinados adereços ou vestimentas são definidores de identidade, nesse caso se pretende explicitar um estilo de ser e vestir. No caso dos freqüentadores de festas estilo rave trance utilizam em geral tatuagens, piercings, alargadores de orelhas, cartuchearias, roupas com detalhes fluorescentes, ou com motivos indianos e leves, além de grandes óculos escuros. Já os freqüentadores de

festa de musica eletrônica em estilo house, usam roupas mais retas, peças de uma única cor, vestidos longos de tecidos finos, brincos pendurados no caso das mulheres, poucos/as usam piercings. Essa maneira de tornar claro para as outras pessoas que o estilo ao qual se alinha carrega uma indumentária própria com alguma influência de moda e de estilo.

Interessante notar que essa diferença também encontra meios espaciais aos quais se adapta. Na festa de estilo trance que acompanhei havia barraquinhas onde vendiam-se comidas e bebidas, onde as pessoas sentam em mesinhas, transitam durante algum tempo antes de entrarem na festa. Na New Rave o espaço estava aparte do calçadão em frente ao clube. Já, na festa de estilo house não havia nada em frente ao local, além do estacionamento. As pessoas desciam de seus carros, se encontravam na recepção da boate e logo entravam. Parece sugerir que há espaços para os quais tornam mais efetiva a afirmação das características estéticas e de estilo dos determinados públicos e locais.

Fun House

Além dos freqüentadores de festas rave, resolvi pesquisar usuários de morfina injetável. Eles fazem parte desse contexto de pesquisa como uma rede que se conecta em alguns momentos, mas não necessariamente estão em convívio constante. Um dos locais em que faço etnografia é chamado, por quem anda por lá, de “Fun House”¹⁵. Quem mora na casa é Pablo¹⁶, jovem que faz curso universitário na área das ciências humanas e toca em uma banda de pop-rock. Conheci esse contexto através de informações que me foram apresentadas por um amigo em comum, meu e dele. Nessa casa faz-se uso de várias substâncias psicoativas: cigarros, álcool, maconha, cocaína, crack, mas o que me chamou atenção foi o fato de se fazer uso de morfina injetável. Fiz duas visitas a este lugar e pude conversar com o dono, que se mostrou bem receptivo à pesquisa. Ele explicou que para obterem e beneficiarem ‘morfina’ utilizam-se de um medicamento vendido legalmente em farmácias¹⁷. Compram-no sem necessidade de receita médica. Disse também que esse medicamento só era vendido em

¹⁵ Esse nome é dado pelas pessoas que lá circulam. Adoto-o como maneira de identificação para os/as interlocutores/as informados (GOFFMAN, 1988) e para expor a noção do tipo de sentimento que remete a casa à estas pessoas.

¹⁶ Todos os nomes são fictícios para efeito de segurança, a escolha do nome é feita pelos/as próprios/as interlocutores/as ou comunicado a estes/as, caso não queiram escolher. É a forma que encontro de colocar de modo mais claro as falas caso haja uma futura leitura desse texto pelos/as interlocutores/as

¹⁷ Uma das condições impostas para que pudesse acompanhar essa casa foi a de não revelar qual é o medicamento utilizado. Um motivo, citado como história, foi a lembrança do período em que o fármaco não estava sendo vendido nas farmácias num período de 2005; Um outro, que não foi diretamente elencado como motivo, mas pareceu ser um fator de segurança também: quando um dos rapazes falou sobre o comentário de um vendedor que disse a algum dos rapazes que foi comprar o tal medicamento que sabia pra que é que ele queria aquilo. Se referindo uso entendido como controverso. Ai fica exposto um tipo de estigmatização entre o fornecedor e o usuário, mas que não sofre.

algumas redes de farmácias e que uma das maneiras das pessoas saberem onde está sendo vendido é trocando informações dentro do grupo que **sabe usar** o fármaco. Pude perceber, ao falar com dois outros rapazes, que a frequência de uso varia de acordo com a necessidade expressa pela pessoa e pelas possibilidades de acesso às substâncias. Mas um fator que pareceu importante é que os fins de semanas são privilegiados para o beneficiamento e uso de morfina (os domingos, dias que acompanhei, são bem movimentados).

O local de conversas e de preparo é a cozinha. Tem uma mesa fixa alta próxima a um canto, dois bancos altos e algumas pessoas ficam sentadas ao redor. Uma geladeira, um fogão e uma pia ficam nesse local. Ligadas à mesa, separando essa da pia, duas grandes prateleiras onde são guardados alguns potes com comida, um saco da ração dos dois gatos, cigarros, isqueiros, copos, colheres, seringas, frascos (cheios e vazios). O corredor é o local mais agitado, pois liga toda a casa desde a sala de entrada, que não tem luz, passando pela porta do quarto do Pablo e vai dar num quintal, de porta sempre fechada. Por ficarem colocando as músicas, o som fica no quarto, ou saindo de casa para irem a algum lugar próximo (farmácia ou boca¹⁸) ou para aplicarem doses intravenosas na cama.

Saber usar diz respeito à forma de se transformar a substância, uma substância líquida de uso oral, em algo que possa ser “mandado nos canos”¹⁹. Passa por uma transformação química em que parte que não serve para esse tipo de uso deve evaporar. Derrama-se o conteúdo dos fracos numa frigideira, que é aquecido no fogo por alguns minutos e depois resfriada. Ou deixa-se o líquido descansar na panela ou ao ar livre ou na geladeira para chegar à textura certa para em seguida colocar um pequeno chumaço de algodão em cima para aspirar com menos resíduos o material que se tornou um pouco mais pastoso. Usam filtro de cigarro por ser “melhor de puxar”.

Quando me apresentava ao dono da casa dizendo estar interessada em saber quais eram seus cuidados e preocupações com o corpo e saúde. Ele olhou-me com um meio riso e disse que o pessoal ali não tinha muita preocupação com isso. Então, comecei a pensar: o que ele de fato entenderia por saúde? Quanto isso poderia variar de acordo com as perspectivas que cada pessoa tem da vida e do que acredita ser saudável. Uma prática observada que é indicativa de alguma preocupação com riscos de saúde e a manutenção da vida seria o não compartilhamento de seringas, pois cada pessoa um tem a sua “gringa”. Pela vinculação feita entre essa prática e a prevenção às doenças que podem ser transmissíveis pelo sangue, como a AIDS ou hepatite, que são ambas conhecidas por eles:

¹⁸ Nome mais geral dado ao local onde se adquire psicoativos ilegais. Eles compram maconha e cocaína.

¹⁹ Essa expressão é a utilizada pelos interlocutores ao se referirem a injeção de morfina nas veias.

“Quando um indivíduo chega a presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informações ao seu respeito ou trazem a baila o que já possuem. Estarão interessados em sua situação sócio-econômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim, informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.” (GOFFMAN, 1985: 11)

Quem nos apresentou deve ter falado de mim para ele. Quando me apresentei, disse que meu interesse por essa temática havia surgido, em parte, pelo trabalho que desenvolvia no Grupo de Apoio à Prevenção a AIDS (GAPA – Ce). Acreditando que o que se fala gera efeitos nas explicações que são dadas, pode ter sido isso que o fez contar a história da primeira vez em que quis usar morfina. Pablo explicou que já conhecia pessoas que usavam, mas ainda não tinha tido vontade ou coragem. Numa tarde, na universidade, um colega ofereceu-lhe, mas ele possuía apenas uma seringa e, portanto, os dois deveriam compartilhá-la. Outro amigo lhe alertou para ter cuidado e afirmou que depois poderia conseguir uma dose para ele. Assim, disse ele, foi adiada a primeira vez, por escolher mais segurança.

Considerações preliminares

Quando enviei o resumo para apresentação desse trabalho ainda não havia chegado ao campo, de fato. As hipóteses e objetivos faziam parte do projeto de pesquisa da dissertação. Havia feito uma revisão bibliográfica no tocante aos estudos e pesquisas desenvolvidas em torno das formas de sociabilidades entre jovens, consumos de drogas e desvio. Algumas averiguações prévias, com conversas informais entre conhecidos que organizam e/ou freqüentam festas em estilo rave me deram pista para o que viria a ser o estudo. Além disso, já havia desenvolvido a pesquisa de monografia sobre sociabilidade, hierarquias e saúde entre jovens usuários de maconha e crack em Fortaleza.

Tais leituras, conversas e experiências apontaram para um conjunto de problemas envolvendo lazer, juventude, saberes sobre psicoativos, técnicas do corpo, saúde e prazer. Pretendo continuar questionando quais as motivações e vias que adotaram para o desenvolvimento de tais práticas? Que acepções têm do uso das várias substâncias e dos efeitos biopsicossociais sobre corpos? Que entendimentos respectivos ao prazer, ao vício, a realidade, ao trabalho e/ou estudos, a família que envolvem a interface com o uso de psicoativos? Entre as pessoas que de alguma forma se afinam com certas substâncias psicoativas, em especial, as ditas sintéticas e manipuladas: como lidam com a situação de uma infração legal visando desfrutar de certos efeitos físicos? E as sanções sociais?

Senti a necessidade de abranger uma parcela maior de pessoas e campos para pensar também a troca de influências e as diferenças identitárias que podem decorrer das diferentes agregações para utilização de medicamentos manipulados, ecstasy, LSD, cocaína e outras substâncias que mais aparecerem nos relatos. Ressalto como inovador o fato de acompanhar pessoas que utilizam morfina auto-administrada sob uso intravenoso no estado do Ceará.

Investir na análise das etnografias, em paralelo com dados e informações formalmente aceitos como modelares (órgãos governamentais e imprensa escrita) é um esforço no sentido de identificar comportamentos que podem ser forjados, contestados, readaptados e conceitualizados entre saúde e doença, entre atos de delito e legalidade, prazeres e identidades.

Bibliografia

- BECKER, Howard. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Ed. Perspectiva; São Paulo, 1987.
- COHEN, Stanley. "Deviance and Moral Panic". In: *Folk Devils and Moral Panic*. London: MacGibbon & Kee, 1972
- FOUCAULT, Michel. "Verdade e Poder"; "Soberania e Disciplina"; "A governamentalidade". Em: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. 1979.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro. 4ª ed.: Ed. LCT, 1988.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985
- HANNERZ, Ulf. "Being there...and there...and there! Reflections on multi-site ethnography", *Ethenography*. SAGE Publications. V. 4 (2) 201-216.
- CLIFFORD, James and MARCUS, George. "Contemporary Problems of Ethnography in the modern World Sistem". In: *Writing Cutures The Poetics and Politics of Ethnography*. London: University California Press, 1986.
- MORAES FILHOS, Evaristo de (org.). *George Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMMEL, G. *Questões Fundamentais da Sociologia – Indivíduo e Sociedade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2006.
- SIMMEL, Georg. "The Sociological Nature of Conflict". In: *The Sociology of Georg Simmel*. Nova Iorque/Londres: The Free Press/Collier Macmillan Pub. 1964.
- TOMPSOM, Kenneth. "Why the Panic?" – The Topicality of the Concept of Moral Panics". In: *Moral Panic*. London: Routledge, 1998.
- VELHO, Gilberto. "O desafio da proximidade" em *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs.). – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.